

5 anos de 2013;

"debaixo do rosto da máscara existe o rosto da máscara", Heráclito

"não proteste, desfigure", Hakim Bey

O FOGO NO MURO (anotações pelas paredes da cidade)

"violento é o Estado"

"saímos do facebook"

"você só olha da esquerda para a direita. o Estado te esmaga de cima para baixo"

"por uma vida sem catracas"

"tarifa zero"

"PM, não esqueceremos Carandiru, Candelária e das favelas"

"se a tarifa não baixar a cidade vai parar"

Rebelião e revolução

Stirner, Proudhon, Bakunin e Zapata já alertavam sobre não misturar os conceitos de 'Revolução' com 'Rebelião'. Revolução e Rebelião não têm o mesmo significado! Rebelião e Revolução não são sinônimos!

A primeira quer o Estado, seja ele democrático ou socialista. Qualquer arranjo que perpetue a falsa liberdade, com a 'soma' (*Admirável Mundo Novo* - Aldous Huxley) que dá ao dito revolucionário a visão de que ele é a salvação do mundo, colocando nele a audácia de dizer 'sou superior perante ao povo'. (...) A segunda é um curso de água suja, que ao longo de seu levante diário vai purificando com sua consciência desperta. Um 'anarquista inconsciente', como diria Roberto Freire. Ele tira do Estado (políticos ou reis) o poder de decisão. Retira também das instituições e dos movimentos as lideranças.

Chega de bordões como 'O gigante acordou' ou 'nós mudamos o Brasil'. <http://www.anarquista.net/chega-de-bordoes-come-o-gigante-acordou-ou-nos-mudamos-o-brasil/>

Jornadas de junho: o ingovernável

As manifestações de rua animadas pelo MPL (Movimento Passe Livre), e logo engrossadas por uma multiplicidade de gentes e de forças, alvo de incontáveis comentários, exercícios opinativos e clamores por adesão acendem uma chama que pode se desdobrar em interessantes mudanças: as ruas da cidade não podem servir apenas aos carros e a polícia não é sua dona e/ou sua zeladora (...).

É preciso olhar para os alvos atingidos e abandonar a saída fácil que consiste em identificar certos jovens como arruaceiros infiltrados. Quebraram, especialmente na terça-feira (11/6), entradas de bancos, vitrines, *shopping centers* e postos policiais. Quebraram o que lhes é, era e será insuportável e ponto. Quebraram a manobra jornalística que pretendia confundir pacifismo com passividade. (...) Mesmo reunindo estudantes secundaristas e universitários, transeuntes, ativistas, curiosos, gente a fim de se divertir e toda sorte de motivação que totalizou mais ou menos 20 mil pessoas, os preocupados com as formas e os preços do deslocamento na cidade formaram uma minoria potente. (...)

As estimativas falaram em 5 mil pessoas no dia 11/6 e 20 mil pessoas no dia 13/6. A imprensa divulgou que milhares de policiais estiveram envolvidos na repressão. Diante disso: (...) inventem novos desrespeitos e desprezos à instituição e à farda! Coragem! Porém, se você pensa que se trata de uma polícia despreparada e incapaz de agir numa democracia, não esqueça que a polícia serve para cuidar, vigiar, monitorar, espionar, reprimir, torturar e matar. Polícia é polícia! Viver livre nas ruas da cidade não depende de polícia preparada, mas de sua abolição! (...)

A polícia é inaceitável. A polícia é um dos abomináveis em nossa existência. Diante dela, cotidianamente, há o passe reto, o pare quieto,

as mãos para trás, os corpos imóveis no chão, a revista, as subordinações e os subornos, as detenções e os espancamentos, os tiros mortais e morais, os corpos perfurados, as asfixias, os choques, a pimenta que destempera, a tortura, a prisão. Co-ti-di-a-na-mente. (...)

A polícia não é um efeito colateral do cuidado, da prevenção, da proteção e da segurança. Ela é a expressão e tradução literal das práticas de governo, dissimuladas até mesmo como "arma de efeito moral". Diante da perenidade de sua existência em cada um, jamais haverá livres passagens. Um viva de saúde aos jovens que foram para cima da polícia, que bateram nela de frente, que destroçaram suas casinhas denominadas de postos comunitários, que dela se esquivaram e não foram pegos e os que se mobilizaram para soltar tantos outros. (...)

O MPL pressionou os governos estadual e municipal e contou com o Ministério Público, que propôs suspender o aumento de 20 centavos por 45 dias. As autoridades executivas rejeitaram. Novas negociações serão agendadas com pauta única: revogação do aumento da tarifa. Entre palavras de ordem exigindo transparência e fim da corrupção, postagens em blogs, twitter, instagram e facebook, certa simpatia pela polícia, a reiterada ausência de lideranças e uma anunciada ampliação das reivindicações para as áreas de saúde e educação, tudo marcha para uma solução ordeira até um novo

inesperado. Enquanto isso, resta nos ouvidos o som vigoroso do VAI TOMAR NO CU: Haddad, Alckmin, Dilma, Datena, Jabor, helicópteros.

Nu-Sol. flecheira libertária 299, 18 de junho de 2013. <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2017/10/flecheira299.pdf>

Após ampla divulgação na mídia e dos efeitos da ação policial, os protestos que irromperam com as reivindicações pela redução da tarifa foram sufocados pelo hino brasileiro. Do embate direto com as Tropas de Choque país afora, o fogo das manifestações abrandou-se rapidamente, efeito da voz do rebanho que repetia pelas avenidas ter orgulho de "ser brasileiro". Quem decide sair às ruas para defender a pátria consente e deseja a polícia. Sempre há uma gente disposta a experimentar a desafinar no coro, seja ele qual for, e experimentar, no presente, uma vida livre. Em meio à marcha verde-e-amarela, um bando ecoou: "nacionalismo é o caralho, esse país é racista e sanguinário". (...)

A maioria dos manifestantes que tomaram as ruas do país nas últimas semanas se identificou com o apartidarismo. Muitos, embrulhados em bandeiras do Brasil, passaram a queimar e a rasgar bandeiras partidárias. Não tiveram problema algum em se aliar a skinheads para bater em quem as carregava. Distante da extrema-direita, mas, também aproveitando a onda

apartidária, crescem na internet reivindicações pela "democratização da democracia" e pela "reforma política". Conectados e muito atentos à insatisfação geral, certos líderes políticos do bem aproveitam para ampliar sua rede rumo à obtenção do registro legal de novo partido. Surpreendente? De modo algum! A maioria desolada apartidária da ocasião não vai além; não questiona e não experimenta práticas que dispensam Estados, polícias e bandeiras. A diferença entre apartidarismo e antipartidarismo não se reduz à semântica. (...)

Anarquistas não são democratas convencionais. A democracia acolhe em seu "seio" o pluralismo que dá voz aos fascistas. A direita fascista manifesta-se com sua lei e ordem e o faz em nome da lei e da ordem do Estado. Ela subjuga, humilha, prende, tortura, mata. Nomeia as bruxas, criminosos, baderneiros da vez para sanar a sede sanguinária da população ordeira e covarde. Não me engano: a ação radical de esquerda nada tem a ver com a de direita. Da mesma maneira, um movimento auto-intitulado pacífico pode produzir desdobramentos muito mais sombrios e violentos sobre a vida de cada um. O fogo que alimenta liberdades não é o mesmo que apaga os rastros.

Nu-Sol. flecheira libertária 300, 25 de junho de 2013. <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2017/10/flecheira300.pdf>

... e cai a cara do Estado

[Bakunin é um dos suspeitos!]. Sim, isso serve como piada, mas mostra muito bem com que tipo de processo estamos lidando, isto é, baseados em que tipo de inquérito estão tentando destruir a vida das pessoas. É similar com o que ocorria na época da ditadura militar, quando tentaram prender Sófocles por conta das suas peças de teatro subversivas. Mas não deixa de ser uma grande homenagem: em seu bicentenário, Bakunin continua subversivo e procurado pela polícia. Agora todos querem saber quem é, afinal, este Bakunin, as pessoas estão procurando, estão lendo mais sua obra por causa disso, e isso é ótimo (...)

A polícia chegou derrubando a minha porta às 6h da manhã e apontando uma arma para mim e meu companheiro, ele foi algemado. Minha casa foi revirada, a casa da minha mãe foi revistada. Eu me senti sequestrada, sequestrada pelo Estado. Mesmo não acreditando no Estado democrático de direito não dava para acreditar que chegaria a tanto. (...)

Toda a operação é inacreditável, mandados expedidos sem nenhuma prova concreta, executados de modo totalmente arbitrário, um processo baseado em depoimentos altamente desqualificados com claro intuito de prejudicar alguns por questões pessoais, e, claro, tendo em vista evitar manifestações na final da

copa (...) Eu sei que o Estado se mantém pela exceção, por isso uso com muita reserva esta noção, mas o modo como esta operação ocorreu superou todas as minhas expectativas. O bom é que a máscara de suposta democracia cai, fica evidente o que é o Estado brasileiro. (...)

Nossos netos vão estudar a revolta do vinagre na escola, vão aprender o que foi a batalha da ALERJ, vão ler sobre este processo kafkaniano promovido para garantir megaeventos e o lucro de empresários."

Camila Jourdan em <https://camilajourdan.noblogs.org/>

Muitos nomes são dados a essa escória: porco, gambé, cana, 'us homi', etc.. Nenhum dos termos que busca um teor pejorativo consegue alcançar o simples emblema de "policial". Essa palavra deveria ser a maior ofensa para um ser humano. (...)

Ao afirmar que toda propriedade é um roubo, não deixaremos que roubem nossas vidas, nosso tempo, nossos pensamentos. É por meio da ação direta que agiremos, que tiraremos a paz de quem nos tormenta. Enquanto houver patrão, pastor e político, haverá pobreza e revolta.

Zine Pássaro Libertário #3, segundo semestre de 2013.

No dia 20 de junho de 2013 aconteceu no Rio de Janeiro uma das maiores manifestações contra o aumento da passagem de ônibus. Nesse dia, Rafael foi detido quando chegava de mais um dia de trabalho no casarão onde dormia; ele estava com duas garrafas de plástico, uma de pinho sol e outra de desinfetante. Os policiais o levaram para a delegacia e apresentaram a garrafa de pinho sol já aberta e com um pano, alegando que era um coquetel molotov. Tudo forjado pra poder condená-lo. E conseguiram: ele foi condenado a 5 anos e 10 meses de prisão. Em dezembro de 2015, Rafael conseguiu migrar para o regime aberto, sendo monitorado por uma tornozeleira eletrônica. No dia 12 de janeiro de 2016, ao sair pela manhã para ir à padaria, foi abordado por policiais que novamente forjaram um flagrante, dessa vez por porte de drogas. Segundo os policiais, ele teria sido pego com 0,6 gramas de maconha e 9 gramas de cocaína. Rafael Braga foi condenado a 11 anos de prisão por tráfico e associação ao tráfico. Isso é apenas um resumo sobre o caso de Rafael.

<http://anarcopunk.org/v1/2018/02/coletanea-pela-liberdade-de-rafael-braga-entrevista-com-morto-fortaleza-ce/>

Nas manifestações de segunda-feira um fenômeno decorrente da adesão dxs mais conservadorxs se mostrou muito presente.

Pessoas preocupadíssimas com que as pichações 'manchem a imagem' da manifestação e preocupadíssimas em serem mal interpretadas pela polícia e pelos segmentos da sociedade. Pessoas entoando 'sem violência' ou 'vandalismo não' para qualquer ato que não seja caminhar para frente, esquecendo-se de que são estxs vândalxs que estão lhes protegendo na linha de frente! São estxs vândalxs 'violentxs' que defendem a manifestação das bombas de gás. Por que estas pessoas evitam criticar a violência policial que é contra PESSOAS e criticam e caracterizam como violência ações contra a propriedade ou órgãos públicos que têm papel direto no preço das passagens, nos gastos com a Copa, e com a desigualdade entre as classes?

E.D. *Não seremos massa de manobra.* <http://acaoantisexista.tk/nao-seremos-massa-de-manobra/>

Nos protestos pelo Brasil, pudemos observar que o machismo também 'saiu às ruas'. É importante ressaltar isso (...) observamos o sentimento ufanista, a necessidade desesperada de caracterizar o movimento como pacifista, a violência perpetuada contra pichadorxs, a perseguição de manifestantes alcunhadxs como vândalxs, a tentativa de cooptação da direita, a infiltração de neonazis e da própria polícia, entre outras questões.

(...) De certa forma, poderia ser mais fácil confrontar preconceitos em situações similares a protestos como este, onde são trazidas à tona as desigualdades, já que existe um terreno propício ao questionamento. Mas parece não ser tão fácil assim.

(...) Durante estes protestos surgiram cartazes e gritos machistas, como os referentes à Dilma, não enquanto presidente, mas enquanto mulher (...) Ouvi, em diferentes momentos, mulheres serem chamadas de vadias no meio dos protestos, por não corresponderem ao esperado delas.

enila dor. *O Machismo Também Saiu às Ruas.*
<http://acaoantisexista.tk/o-machismo-tambem-saiu-as-ruas/>

No Brasil, tal operação é fortalecida pela ação das polícias civis que, sob controle de diferentes governos (de centro-esquerda ou de direita), invadiram a sede da Federação Anarquista Gaúcha (FAG) em 2009, voltaram a invadir a sede da FAG em junho de 2013 e no dia de hoje (25), numa operação intitulada Érebo, também cumprem mandado de busca e apreensão contra diversos outros espaços e ativistas libertários da cidade e contra a FAG. Cabe lembrar que em 2013, dos 23 presos nos protestos do Rio de Janeiro, anarquistas foram processados/as e permaneceram detidos/as por meses, até sua soltura temporária (correndo o risco de ainda serem condenados/as). Em Goiás, a sombra do processo sobre 32 ativistas sociais que ocuparam

a sede da Secretaria de Educação e Cultura do Estado ainda paira, evidenciando o arbítrio estatal. E o que falar da atuação de William Pina Botelho, o "Baltazar", codinome de um capitão do exército que simplesmente se infiltrou num grupo de *whatsapp* de estudantes para armar uma prisão em flagrante. Os estudantes foram acusados de associação criminosa e corrupção de menores. (...) Há de maneira evidente, desde o fim de 2013, uma escalada conservadora.

Sobre a perseguição ao anarquismo e a criminalização do protesto. <http://elcoyote.org/sobre-a-perseguiçao-ao-anarquismo/>

Apesar da recente onda de manifestações que tomou as ruas de uma infinidade de cidades do território controlado pelo estado brasileiro ser supostamente interpretada como algo inesperado e surpreendente, as mesmas são resultado de um acúmulo recente de uma trajetória de lutas que, já desde o princípio deste século XXI, vem acontecendo de maneira difusa e progressiva. (...)

A luta contra o aumento das tarifas do transporte público não surgiu nessas semanas, mas é algo que se vem construindo ao longo da última década em diversas localidades, colocando muitos corações jovens e cheios de revolta pela primeira vez em contato com maneiras organizativas que suprimiam as

lideranças e os partidos. O transporte dito público nada mais é do que a mobilidade das veias e artérias, desta enorme prisão chamada cidade, o movimento de uma estrutura surgida de uma lógica baseada no poder, no domínio e no controle. Qualquer pedido por reformar essa estrutura acaba caindo numa miserável mendicância por mais correntes e mais algemas para seguir alimentando os que, gordxs e fartos, seguem acomodados em seu sofá. O grande valor deste processo de lutas que culminou na recente tempestade social foi a possibilidade de colocar inúmeras pessoas inquietas em contato com uma conflitividade real nas ruas. (...)

Cabe apontar que quando as pessoas tomam as ruas, as reivindicações reformistas são desbordadas pela raiva acumulada de quem convive diariamente com a humilhação e exploração levada a qualquer indivíduo que vive longe do privilégio de quem está satisfeitu nesta sociedade. O que se vivenciou nessas semanas foi um descontrole que ia muito além de 20 centavos, que sacudiu com violência a tão almejada paz-social, que na prática só existe nos delírios das mentes ordeiras. (...)

A tática anteriormente usada de não mencionar, ou citar de maneira rasa qualquer tipo de manifestação crítica com o atual rumo das coisas, foi substituída pela ênfase na manifestação ordeira, no protesto pacífico,

num exaltado estímulo à cidadania, criando assim o terreno aberto para apontar como criminosas as inúmeras ações de ataque aos bens materiais e representantes da ordem imposta. A ilusória participação cidadã que passou a ser alimentada pelo Estado, meios de comunicação e proprietários, ilustrou uma estratégia descarada de buscar um apaziguamento. (...)

Os atos apontados como violentos são consequência e responsabilidade direta de um sistema político/econômico baseado na mercantilização da vida, no absoluto controle, na violência policial cotidiana, na existência do cárcere como mecanismo de punição para qualquer que se demonstre improdutivo para esta ordem. A dicotomia criminoso/inocente é um jogo, uma farsa utilizada para tentar justificar o verdadeiro terrorismo estatal que surge como reação a quem se rebela. Não se trata de uma criminalização que aparece neste momento, mas sim de uma lógica que criminaliza tudo que esteja no caminho do desenvolvimento dos projetos do capital, tentando descaracterizar atos de rebelião como algo vazio de conteúdo, e se aproveitando disso para encaminhar a criação de uma nova lei antiterrorista, uma lei temporária e emergencial para suprir as necessidades dos grandes eventos esportivos, baseada na já empoeirada Lei de Segurança Nacional, que prevê a punição de 15 a 30 anos

de reclusão por atos que hoje são chamados de "vandalismo". (...)

A copa do mundo é um abalo sísmico na existência de muitas pessoas por todo lado deste território, pensar que o dinheiro investido nela deveria ser destinado a saúde e educação, é continuar com uma confiança fantasiosa no Estado, algo como acreditar no coelhinho da páscoa. Vivemos o ápice da relação Estado/ Empreendedorxs-Empresárixs, a consolidação de um regime onde o grande governante é o mercado, e xs que se beneficiem dele: Xs ricxs. O regime democrático sempre funcionou desta maneira, com uma mão empunhando o chicote enquanto a outra faz carícias, uma dubiedade que visou e obteve uma apatia generalizada que pouco-a-pouco vem sendo desconstruída e subvertida na geração de uma recente cultura de lutas, que traz novamente a ação direta como meio propulsor de transformação. (...)

Momentos de tormenta, onde mesmo diante da intensificação do contexto repressivo e de um cada vez mais intenso terror psicológico, devem ser motores de nossa capacidade de transformação e criação, afiando as navalhas da solidariedade e da propaganda, exercendo a anarkia como uma tensão constante ao existente mundo de misérias e mostrando uma vez mais que não existem diálogos ou explicações a serem dadas aos poderosxs, os atos de rebeldia exercidos muitas vezes por instinto, pela

explosão furiosa do ódio que é propiciado pela autoridade e repressão, sem necessariamente estarem pautados em ideologias e teorias, falam por si só.

Cronologia da guerra social vivida nas ruas de Porto Alegre. Jornal Agitação. <https://cumplicidade.noblogs.org/?p=45>

16 de Dezembro 2013:

Porto Alegre, Brasil: Ataque a caixas eletrônicos do Banco Santander em solidariedade com Mónica Caballero e Francisco Solar.

A Solidariedade é uma força viva! Fogo na Bomba!

Na despedida de um sol quente de 34° e na subida da lua cheia em encontro ao céu que nos cobre, visitamos nessa segunda-feira, na avenida Osvaldo Aranha, o banco Santander, de frente a um posto policial.

Entrando no estabelecimento bancário, lhe deixamos junto aos caixas eletrônicos um presente incendiário natalino na clara intenção de destruir o estabelecimento. Após isto, o tempo e o fogo fizeram sua parte.

Não viemos roubar seu sujo dinheiro, viemos destruí-lo. Alcançamos nossas intenções: Atacamos, causamos destruição, saímos ilesos e demonstramos com esta ação que a solidariedade

não é um slogan vazio e que não vive em toda sua grandeza somente com a palavra. Esse pequeno gesto nos mostra que o incremento de medidas de vigilância na cidade não pode ser um freio à nossa vontade de desafiar constantemente o Poder; sempre podemos encontrar um jeito de escapar da "grande besta", começando por desconstruir os nossos próprios medos.

Que seja um incentivo a todos os corações rebeldes a passar a ação na luta contra os "projetos de aceleração do crescimento" e também contra a copa do mundo que vem atropelando em alta velocidade. É evidente que a luta não se resume a este evento esportivo que tem violentado muita gente. E mais, sinalizamos com o calor deste incêndio nossa solidariedade com Rafael Vieira, Jair Soares, aos que resistem contra a hidrelétrica de Belo Monte, a todos que sofrem processos e perseguições como resultado dos protestos do inverno e também e não menos distante a todos que lutam contra o poder em todos cantos do mundo e se enfrentam com o peso do sistema penitenciário na Argentina, Grécia, Indonésia, Chile, Itália, Estados Unidos, Bulgária, México, Alemanha, Espanha.

Com esse pequeno ataque aos interesses espanhóis, mandamos uma força solidária para Monica Caballero e Francisco Solar, presxs nas mórbidas grades do Estado espanhol, isolados no regime de segurança máxima FIES.

Frente à repressão, solidariedade ativa com todos os métodos possíveis!

Força e solidariedade para Monica e Francisco!

Liberdade ao Baiano e a Rafael Vieira, presos no Rio de Janeiro!

Biblioteca anárquica Kaos. Cronologia Maldita - Golpeando o inimigo: Cronologia da confrontação anárquica no território controlado pelo estado brasileiro (2000-2015), pp. 33-34.

É animadora a expansão da revolta por todas regiões do território dominado pelo Estado brasileiro desobedecendo e ofendendo o poder. A guerra social cria significado para muitxs e ascende a relevos mais expressivos. Guerra ao poder é afinal uma declaração forte e será assim entendida pelos senhores e seus lacaios, pois não há sentido em considerar-se vítimas xs que se posicionam em ofensiva, mas sim hão de ser indivíduos conscientes do conflito que assumem. Não nos causa estranheza as atitudes dos aparatos repressivos; sabemos por infinitos exemplos que são capazes de tudo para defender o poder de seus senhores, para defender esta sociedade baseada na dominação representada hoje pela democracia lembramos

que tanto a democracia como a ditadura são formas, expressões, gestões do poder.

<https://cumplicidade.noblogs.org/?p=172>

Contra a força do Estado

Nesse momento é preciso estar atento às formas de nossa liberdade, não esquecer que no século XX a maioria sempre esteve ao lado dos tiranos e dos dominadores; que o nacionalismo ampliou e regrou o racismo de Estado; que ditaduras foram instituídas para "salvar" as democracias.

A liberdade não é um valor, é uma prática!

Ampliar as possibilidades, animar as multiplicidades, multiplicar as descentralidades e combater na luta os moralismos e os anúncios de salvação.

Uma coisa é certa: ninguém sai vivo daqui.

Violento é o Estado; arruaceiro é o governo e seus agentes oficiais e extra-oficiais.

Quem defende a bandeira e canta o hino, saúda mais de 500 anos de assujeitamentos e extermínios.

Que a insatisfação se transforme em revolta;

Que a mudança aponte para ampliação da série liberdade.

Que os jovens que iniciaram essas ondas de insatisfação no começo desse século XXI encontrem uma forma de se desvencilhar dos fantasmas políticos do século XIX e das normalidades genocidas do século XX.

Por um mundo sem violência!

Leia-se: sem polícia, sem Estado, sem propriedade, sem deuses, mestres e amos!

Nu-Sol. hypomnemata 157, junho de 2013.
<http://www.nu-sol.org/blog/hypomnemata-157/>

[Publicado como hypomnemata 202. Boletim eletrônico mensal do Nu-Sol, junho de 2018]